

## INÉRCIA E MOVIMENTO NA TRADUÇÃO DE “THE TORN-UP ROAD”

### INERTIA AND MOVEMENT IN THE TRANSLATION OF “THE TORN-UP ROAD”

Luana Ferreira de Freitas  
Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza, Ceará, Brasil

Kamila Moreira de Oliveira  
Universidade Federal do Ceará  
Fortaleza, Ceará, Brasil

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo traduzir e comentar as estratégias de tradução do poema “The Torn-Up Road” de Richard Siken. A tradução proposta, “A estrada lacerada”, buscou evidenciar as imagens propostas por meio da escolha lexical, o tom de desespero e a forma como movimento e inércia são combinadas em “The Torn-Up Road”. A tradução proposta buscou reproduzir a recombinação de elementos, a linguagem coloquial e cinematográfica na versão brasileira do poema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução; Poesia; “The Torn-Up Road”

**ABSTRACT:** This article aims to translate and comment on the translators’ strategies of the poem “The Torn-Up Road” by Richard Siken. The translation presented, “A estrada lacerada,” tried to highlight the proposed images through lexical choice, the tone of despair, and the way movement and inertia are combined into “The Torn-Up Road.” The proposed translation sought to reproduce the recombination of elements and the colloquial and cinematographic language in the Brazilian version of the poem.

**KEYWORDS:** Translation; Poetry; “The Torn-Up Road”





Quero te contar essa história sem ter que confessar nada,  
 sem ter que dizer que eu corri para a rua para provar algo,  
 que ele não me amava,  
 que eu queria ser vencido, possuído.  
 quero te contar essa história sem ter que estar nela:  
 Max com a roupa errada. Max na festa, bêbado de novo.  
 Max na cozinha, à luz da geladeira, as mãos ao redor do gargalo de uma cerveja  
*Me diga que estamos mortos e vou te amar ainda mais.*  
 Estou surpreso por dizer isso de coração.  
 8 Há algo de estranho nisso. Uma coisa simples. O último degrau.  
 3  
 Você consegue vê-los ali, à margem da estrada,  
 sem se mexer, sem lutar,  
 fazendo um círculo do espaço entre os círculos? Você consegue vê-los  
 prensados contra o cascalho, prensados contra a sujeira, pressionando um ao outro  
 num esforço para fazer os minutos pararem—  
 faróis brilhando em todas as direções, noite se derramando sobre eles como  
 gasolina em todas as direções, e o azul escuro sobre tudo, e eles  
 26 segurando a respiração—  
 4  
 Quero contar essa história sem ter que dizer que corri para a rua  
 para provar algo, que ele correu atrás de mim  
 e me jogou no cascalho.  
 E ele sabia que não ia dar certo e ele me disse  
 que não ia dar certo.  
 E ele não ia me beijar, mas cobriu meu corpo com o corpo dele  
 e me segurou até que eu promettesse não correr pra rua de novo.  
 Mas os minutos não param. A súplica de ir a lugar nenhum  
 35 indo a lugar nenhum.  
 5  
 O ombro dele encobre as estrelas, mas os minutos não param. Ele cobre meu corpo  
 com o corpo dele, mas os minutos  
 não param. O cheiro dele misturado ao de creosoto, escapamento—  
 Ali, no chão, deslizando os minutos,  
 tentando marcá-los. Como tirar a mesma foto de novo e de novo, os espaços  
 entre elas selados—  
 Empurrado com força o suficiente para fazer o disco pular  
 e mudar a música, fazer a melodia  
 avançar novamente, dando voltas e voltas no centro do disco preto achatado.  
 E palavras, pequenas palavras,  
 palavras pequenas demais para esperanças ou promessas, não exatamente suaves,  
 47 mas suaves ainda assim.

“The Torn-Up Road”, em uma primeira leitura, não parece oferecer muitos desafios à tradução. Assim como os outros poemas do autor, esse não apresenta rimas, tampouco suscita dificuldades de compreensão devido à linguagem coloquial. No entanto, algumas das características marcantes da poesia de Siken são o ritmo e as imagens evocadas pelo texto, efeito este que pode ser atingido através da estrutura do poema e sua escolha lexical indicativa da tensão gerada

pela ideia e sua expressão verbal. Dessa forma, a tradução ganha ao levar em consideração estas características para tentar reproduzir parte do efeito do texto fonte no texto de chegada.

Há duas versões “The Torn-Up Road”, a primeira foi publicada em periódico (SIKEN 2000), e a segunda, de 2005, publicada pela Yale University Press, versão escolhida para esse artigo. Como referência para a tradução, também levamos em consideração a versão anterior do poema, uma vez que o cotejo entre as versões possibilitou notar que o autor optou por cortar duas partes inteiras do poema, que era, inicialmente, um pouco mais longo do que sua versão final, e simplificar alguns versos, talvez a fim de que se encaixassem melhor na estrutura pretendida.

Alguns dos versos cortados da versão inicial do poema oferecem certo esclarecimento sobre o significado de versos que mais adiante se tornaram mais difíceis de compreender sem algum contexto. Por exemplo, no verso 42, “Knocked hard enough to make the record skip”, não fica claro a que o verbo *knock* está se referindo. No entanto, na versão inicial do poema, pode-se notar que alguns dos versos cortados da versão final dão sentido ao verso 42: “The weight of him pushing down against my breathing”, especialmente, nos leva à conclusão de que o sentido de *knock* no verso mais à frente seria o de atirar alguém ao chão, empurrar, e não necessariamente o de bater.

No verso 38, “The smell of him mixed with creosote, exhaust”, é uma versão menor do verso original “The smell of him mixed with asphalt, creosote, oil, exhaust” que nos indica que o composto químico “creosoto” está, de fato, relacionado com o campo semântico de “estrada”, “carro” e seus componentes (cascalho, asfalto, chão, óleo, escapamento). Este fato nos ajuda a manter outros significados ao longo do poema coerentes com a imagem dos dois personagens na rua, um sobre o outro.

A versão escolhida conta com cinco estrofes. No primeiro verso da primeira, segunda e quarta estrofes, há como que uma negociação do narrador com o leitor, como se aquele não quisesse entrar em detalhe: na primeira estrofe temos “[t]here is no way to make this story interesting”; na segunda, “I want to tell you this story without having to confess anything”; na quarta, “I want to tell you this story without having to say that I ran out into the street (...)”. Contudo, a suposta negociação é desmentida nos versos seguintes, em que a imagem descrita vai sendo construída estrofe após estrofe.

Na primeira estrofe, o leitor toma consciência da sensação de sufocamento, peso e dor; na segunda, o leitor sabe do cenário, “a rua”, e do nome do narrador, Max; na terceira, o leitor tem uma descrição do cenário e da existência de outra pessoa em cima do narrador; na quarta, sabe-se da natureza amorosa da relação entre o narrador e a outra personagem e da consciência do narrador em relação ao fim da relação; e na quinta, a imagem completa e a retomada da sensação de inércia e violência explorada ao longo do poema.

Nossa tradução manteve a estrutura do texto fonte em sua assimetria de estrofes e versos, buscando, sempre que possível, manter a extensão dos versos a mais próxima daquela proposta por Siken. O que faz com que os poemas de Siken evoquem cenas e imagens que lembram bastante a linguagem cinematográfica é,

justamente, o modo como o poema é estruturado em cortes abruptos e versos que variam de muito longos a muito curtos, num constante vaivém. Esse ritmo pode se tornar mais difícil de atingir em português, pois, durante o processo tradutório percebemos nossa tendência ao alongamento dos versos, o que, não obstante natural, tentamos compensar de alguma maneira.

A palavra *berth*, no verso 8, por exemplo, poderia ser traduzida como ancoradouro. Essa palavra, no entanto, é muito longa e quebraria o ritmo do verso, que é caracterizado por ser curto e alinhado à direita. O uso de cais no lugar de ancoradouro está ligado, portanto, à decisão de aproximar a tradução do ritmo usado no texto fonte, recriando, sempre que possível, as adaptações realizadas também próximas ao sentido do texto em inglês. No verso 46, para citar outro exemplo, optamos por excluir *any* em “words too small for any hope or promise, not really soothing” para reproduzir a extensão do verso.

A tentativa de trazer para a língua de chegada o que o tradutor entende como sentido e função do texto, assim como a forma como o texto atinge esse efeito, dificilmente pode ser feita através da tradução literal, já que não existe equivalência completa. Cada palavra tem um conjunto de sentidos, um campo associativo relacionado à sua cultura, que, com frequência, pode ser interpretado em outra língua através de uma aproximação do sentido. No entanto, algum nível de correspondência estilística pode ser atingido por uma tradução baseada na função do texto e não apenas nos seus elementos linguísticos (BASSNETT, 2002).

Tentar reproduzir o núcleo de uma palavra é, no final das contas, tentar reproduzir também o núcleo do texto como um todo, como expressão do que o autor pretende comunicar, consciente ou inconscientemente. Embora seja arriscado falar em intenção de um texto, tanto porque não há como saber, de fato, qual é a intenção do autor nem tampouco como esse texto é compreendido por cada leitor, individualmente, é possível isolar certas características invariantes.

A natureza violenta e passional do poema é objeto de interesse nesse exercício tradutório, sobretudo, sob dois aspectos: o ritmo marcado por versos longos, sem pausas, atingindo certa urgência, como em “And then a sense of beings mothered underneath a large sack of lentils or potatoes, or of a boat at night slamming into the dock again without navigation, without consideration” e a alternância entre inércia e movimento explorados ao longo do poema.

A urgência ou o desespero de Max dá o tom do poema que vai sendo construído alternando inércia e movimento em flashback. A primeira, terceira e quinta estrofes apresentam Max imobilizado: na primeira, “sob uma saca de lentilhas, ou batatas, ou um barco se chocando contra a doca”; na terceira, “às margens da estrada, sem se mexer, sem lutar”; e na quinta, “[e]le cobre meu corpo com o corpo dele, mas os minutos não param”. Já na segunda e quarta estrofe, um histórico da cena em movimento é apresentado: “eu corri para a rua para provar algo, que ele não me amava, que eu queria ser vencido, possuído” e “Quero contar essa história sem ter que dizer que corri para a rua para provar algo, que ele correu atrás de mim me jogou no cascalho”, respectivamente. Ainda em relação à segunda estrofe, temos uma auto descrição melancólica de Max

marcada pela escolha de *wrong* e *again*: “quero te contar essa história sem ter que estar nela: Max com a roupa errada. Max na festa, bêbado de novo”.

O flashback apresentado nas estrofes dois e quatro alternado à tomada cinematográfica de um homem imobilizando outro, em público, evidencia uma estratégia para trabalhar o tempo: uma cena de segundos numa tela, ziguezagueando entre um tempo e outro e o narrador, por meio dos sentidos, tomando consciência do cenário e da sua impotência em cinco estrofes. A percepção do tempo é mencionada na terceira, quarta e quinta estrofes. A seguir, uma tabela com os fragmentos e as traduções:

	“The Torn-Up Road”	“A estrada lacerada”
3ª. Estrofe	[P]ressing against each other in an effort to make the minutes stop	[P]ressionando um ao outro num esforço para fazer os minutos pararem
4ª. estrofe	But the minutes don’t stop	Mas os minutos não param
5ª. estrofe	His shoulder blots out the stars but the minutes don’t stop. He covers my body with his body but the minutes don’t stop. (...) There, on the ground, slipping through the minutes, trying to notch them.	O ombro dele encobre as estrelas, mas os minutos não param. Ele cobre meu corpo com o corpo dele, mas os minutos não param. (...) Ali, no chão, deslizando nos minutos, tentando marcá-los.

**Tabela 1:** Tempo. **Fonte:** própria.

A tradução proposta buscou evidenciar o tempo marcado, bem como as escolhas lexicais, repetições e linguagem coloquial de Siken.

A cena e seus elementos constitutivos são descortinados paulatinamente aos olhos do leitor e através das sensações de Max. Na nossa tradução, tentamos evidenciar a exploração dos sentidos no poema. Segue tabela com fragmentos ilustrativos:

	“The Torn-Up Road”	“A estrada lacerada”
1ª. Estrofe	the taste of gravel in the mouth	o gosto de cascalho na boca
1ª. Estrofe	The rocks dig into my skin like arrowheads	As pedras furam minha pele como pontas de flecha
4ª. Estrofe	he told me it wasn’t going to be okay	ele me disse que não ia dar certo
5ª. Estrofe	The smell of him mixed with creosote, exhaust	O cheiro dele misturado ao de creosoto, escapamento
5ª. Estrofe	Like taking the same picture over and over, the spaces in between sealed up	Como tirar a mesma foto de novo e de novo, os espaços entre elas selados

**Tabela 2:** Sentidos. **Fonte:** própria

A exploração dos sentidos no poema, paladar, tato, audição, olfato e, por fim, visão, acompanha a retomada de consciência de Max, que, nos últimos versos, nos deixa ver através dos seus olhos, “Like taking the same picture over and over, the spaces in between sealed up”, fechando o ciclo sensorial e de inércia proposto por Siken.

A preparação da cena e a percepção de Max vão sendo tecida progressivamente por meio de uma cuidadosa escolha lexical. Na nossa tradução, essa característica em “The Torn-Up Road” foi conscientemente observada. Na tabela abaixo, trechos em relação à sensação do personagem sob o outro, exemplos desse traço do texto, são expostos:

	“The Turn-Up Road”	“A estrada lacerada”
1ª. estrofe	Smothered	sufocado
3ª. estrofe	pressing against each other	pressionando um ao outro
4ª. estrofe	covered my body with his body	cobriu meu corpo com o corpo dele
5ª. estrofe	His shoulder blots out the stars	O ombro dele encobre as estrelas

**Tabela 3:** Escolha lexical. **Fonte:** própria

Essa variação de percepção de peso experimentada pelo narrador obedece a uma lógica de modalização, alterando de uma sensação asfíxica até o fragmento que, ainda que descreva a mesma cena para quem observa, chega a ser quase afetuosa de acordo com Max. Buscamos priorizar essa progressão em “A estrada lacerada” com a sequência: sufocado por uma saca de lentilhas, pressionando um ao outro, cobrir o corpo com o outro e, por fim, o ombro encobrindo estrelas. O nível de angústia do narrador parece refletir a gradação. Na primeira estrofe, temos Max paralisado sob uma massa comparada a uma saca de lentilhas, batatas ou como um barco se chocando contra a marina, confuso, inconsciente do espaço que ocupa. Esse estado de desorientação vai sendo mitigado e, na quinta estrofe, em que ele, quase sereno se comparado ao fragmento aludido anteriormente, retoma a consciência do cenário e do outro, acaba com “And words, little words, words too small for any hope or promise, not really soothing but soothing nonetheless”.

Como afirma Bassnett, “a decisão do tradutor sobre o que constitui informação invariante relativamente a um dado sistema de referências é, em si, um acto criativo” (2003, p. 71). O processo de tradução de “The Torn-Up Road” envolveu ainda a tradução de outros poemas de Siken, o que nos proporcionou um maior entendimento de como cada poema se relaciona com a obra como um todo. Os poemas de *Crush* dialogam entre si, como um mosaico de cenas entrecortadas de um mesmo filme.

A experiência de traduzir um texto poético nos leva à conclusão de que o tradutor é, como afirma Bassnett (2002), antes de tudo um leitor tanto quanto o leitor de sua tradução. Precisamos levar em consideração o modo como recebemos esse texto para que possamos transformá-lo, recriá-lo, e nos



tornarmos, então, emissores do texto que encontrará outros receptores na outra ponta da relação comunicativa.

## REFERÊNCIAS

BASSNETT, S. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Tradução Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

\_\_\_\_\_. *Translation studies*. 3. ed. London: Routledge, 2002.

CASEY, N. *Nerve-Wracked Love: a profile of Richard Siken*. Poetry Foundation, 2006. Disponível em: <<https://www.poetryfoundation.org/articles/68487/nerve-wracked-love>>. Acesso em: 29 June 2017.

SIKEN, R. *Crush*. New Haven & London: Yale University Press, 2005.

\_\_\_\_\_. The Torn-up Road. *The Iowa Review*, v. 30, n. 1, p. 140-142, 2000.

Luana Ferreira de Freitas  
[LuanaFreitas.Luana@gmail.com](mailto:LuanaFreitas.Luana@gmail.com)

Kamila Moreira de Oliveira  
[KamilaMdeOliveira@gmail.com](mailto:KamilaMdeOliveira@gmail.com)

Recebido em: 14/9/2017

Aceito em: 27/2/2018

Publicado em Abril de 2018